

Árvores

Pedro Eiras

As árvores
hã-de
julgar-nos.

Os pinheiros, rasgando
o céu, feitos
de areia, goma e ventania,
hã-de julgar
os nossos livros.

Os abetos, com auras
de pólen e resina,
hã-de julgar
os nossos jornais, o nosso
papel de carta, a nossa agenda
sufocada.

As folhas quebradiças dos eucaliptos,
como foices,
perfumadas, hã-de
silenciosamente
julgar os cartazes
brilhantes nas ruas, gritando
as coisas, os preços
e as posses.

Hão-de, na passagem
do vento, julgar
as nossas notas sebosas:
a folhagem simbólica com que pagamos
a passagem do tempo,

a compra dos dias
morta
nas nossas mãos, celulose
oca.

A bétula,
da família *Betulaceae*,
há-de julgar
os nossos cartões de visita,
o impresso do registo civil,
as páginas dos tratados de botânica,
complexas
taxonomias,
de Aristóteles a Plínio
o Velho;

há-de
disfarçadamente julgar
os nossos dicionários;
as pagelas,
os folhetos metidos
nas caixas de correio, prometendo
a felicidade pelo turismo,
automóveis, champôs,
aspiradores.

Hão-de julgar-me,
as árvores, severamente,
por estas palavras, por esta sombra deitada
no papel.